

Estudo da Sociedade Portuguesa-
Indicadores gerais: Felicidade, bem-estar,
rendimento e poupança
Estudo pontual: Consumo sustentável
e percepção da responsabilidade social das
empresas



**Observatório da Sociedade Portuguesa- CATÓLICA-LISBON
(julho 2020)**

Estudo do Observatório da Sociedade Portuguesa da CATÓLICA-LISBON, apoiado pelo CEA- Centro de Estudos Aplicados e pelo CUBE- Católica Lisbon Research Unit in Business and Economics da Católica Lisbon- School of Business and Economics.



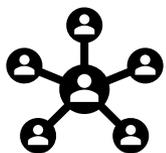
INTRODUÇÃO



O Observatório da Sociedade Portuguesa (OSP) da **Católica Lisbon School of Business & Economics** realizou, entre **29 de julho e 3 de agosto de 2020**, um estudo de forma a investigar fatores que caracterizam a sociedade portuguesa. Os dados foram recolhidos utilizando o **Painel de Estudos Online da CATÓLICA-LISBON (PEO)**.



O principal objetivo deste estudo foi a aferição de indicadores de felicidade e satisfação com a vida, confiança económica, perceção de saúde, perceção da posição social, e hábitos de poupança dos portugueses. Pontualmente, estudou-se o comportamento sustentável dos participantes enquanto consumidores e a sua perceção acerca das práticas de responsabilidade social das empresas.



993 participantes do Painel de Estudos Online da CATÓLICA-LISBON responderam a um questionário de resposta online onde diferentes constructos foram aferidos. **Sempre que possível, os resultados do presente estudo foram comparados com valores aferidos em estudos quadrimestrais anteriores realizados pelo Observatório da Sociedade Portuguesa.** Esta análise permite traçar a evolução de alguns indicadores como o de felicidade, satisfação com a vida, satisfação com atividades diárias, qualidade de vida e perceção de saúde, bem como indicadores de confiança económica, poupança e rendimento.

PRINCIPAIS INDICADORES

- I. **FELICIDADE E SATISFAÇÃO COM A VIDA**
- II. **SATISFAÇÃO COM A VIDA**
- III. **PERCEÇÃO DA POSIÇÃO NA SOCIEDADE**
- IV. **PERCEÇÃO DE SAÚDE**
- V. **QUALIDADE DE VIDA**
- VI. **HÁBITOS DE POUPANÇA E RENDIMENTO**
- VII. **CONFIANÇA ECONÓMICA**
- VIII. **CONSUMO SUSTENTÁVEL**
- IX. **RESPONSABILIDADE SOCIAL DAS EMPRESAS**

AMOSTRA

Sexo, idade, residência, escolaridade e religião

A amostra deste estudo é constituída por 993 participantes, 684 do sexo feminino e 309 do sexo masculino, de idades compreendidas entre os 18 e os 78 anos. 17.6% dos participantes possui entre 18 e 24 anos de idade, 75.5% possui entre 25 e 54 anos de idade, e apenas 6.8% dos participantes possui 55 anos ou mais de idade. Em relação ao distrito de residência, 24.4% dos respondentes reside em Lisboa, 19.8% no Porto, 6.7% em Setúbal, 6.8% em Braga, 7.0% em Aveiro, 4.5% em Coimbra, e 30.6% estão distribuídos pelos restantes distritos.

Em comparação com proporções nacionais recolhidas no Censos 2011, o presente estudo obteve uma proporção superior de participantes até 44 anos de idade, e uma proporção inferior de adultos com 45 anos ou mais (Figuras 1 e 2).

Quanto ao nível de escolaridade, 71.6% possui ensino superior (Bacharelato ou superior), 26.4% indica ter o ensino secundário completo, e apenas 2.0% refere só ter o ensino básico.

48.5% dos participantes refere ser pouco e/ou nada religioso (0 a 4 pontos na escala) enquanto que 51.5% refere ser moderadamente a muito religioso (6 a 10 pontos na escala de resposta).

Estado civil e composição do agregado familiar

52.3% dos respondentes são solteiros, 40.7% são casados ou vivem em união de facto, 6.4% estão divorciados ou separados, e apenas 0.6% são viúvos. A dimensão dos agregados familiares varia entre 1 elemento (o respondente; 17.0%), 2 (29.0%), 3 (28.5%), 4 (19.7%) ou 5 ou mais elementos (5.7%). 31.0% dos respondentes pertence a agregados familiares com crianças com menos de 18 anos de idade.

Condição perante o trabalho e ocupação

69.1% dos respondentes indica estar a trabalhar (57.4% a tempo inteiro e 11.7% a tempo parcial), 14.5% estão desempregados, 12.2% são estudantes, 1.4% são reformados, pré-reformados ou pensionistas, e 2.7% estão noutras situações. Quanto à principal ocupação destes trabalhadores a tempo inteiro, 27.6% indicam ser técnicos ou ter profissões de nível intermédio, 20.4% referem ser especialistas de atividades intelectuais e científicas, 18.7% estão na categoria de pessoal administrativo, 4.7% indicam ser trabalhadores não qualificados, e 28.7% assinalam outras ocupações.

Distribuição da amostra do estudo por faixa etária e sexo

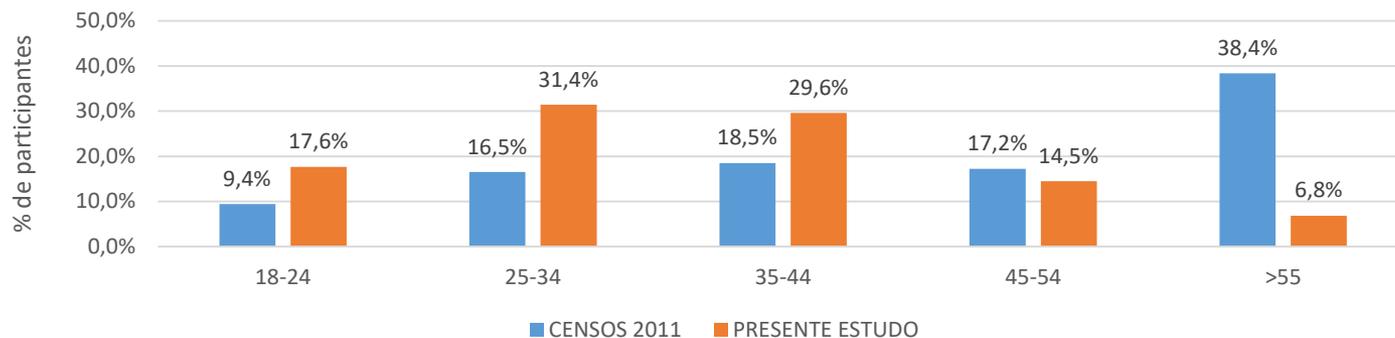


Figura 1 - Distribuição da Amostra do estudo por faixa etária, comparativamente ao Censos 2011

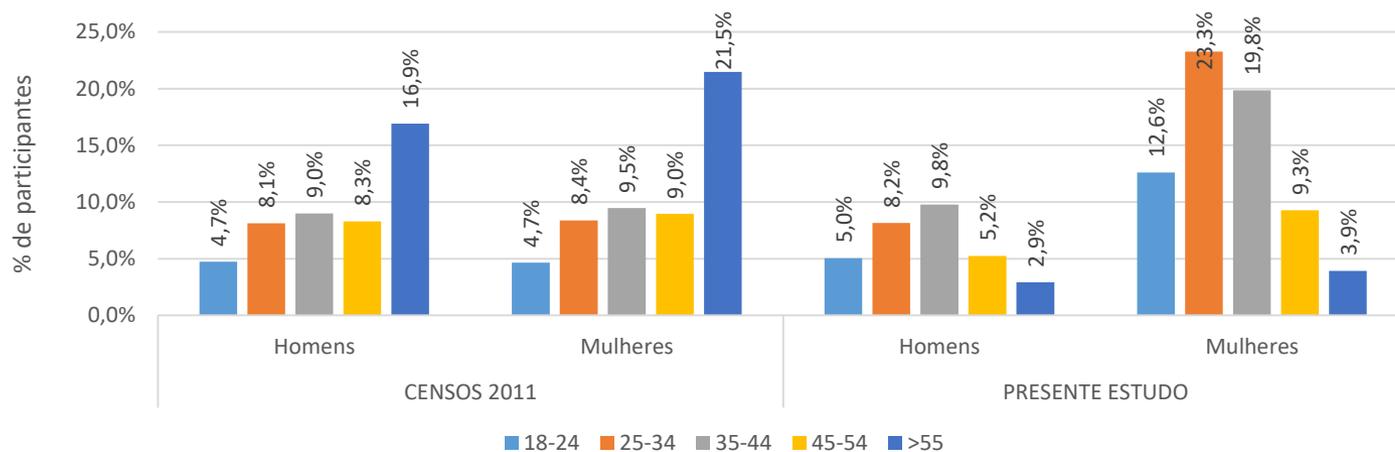


Figura 2 - Distribuição da Amostra do estudo por sexo e faixa etária, comparativamente ao Censos 2011

I. FELICIDADE E SATISFAÇÃO COM A VIDA



Principais conclusões:

- Os participantes sentem-se felizes, satisfeitos com a vida em geral, e satisfeitos com as atividades diárias.
- No geral, estes indicadores apresentam uma evolução ascendente desde outubro de 2015, apesar de pequenas oscilações e grande quebra em março de 2020, período caracterizado pelo início do isolamento social em Portugal face à pandemia de COVID-19.
- Verifica-se uma recuperação tendo em conta o aumento dos três indicadores face a março de 2020.

Neste estudo aferimos o **grau de satisfação com a vida em geral**, o **grau de satisfação com as atividades diárias** e o **grau de felicidade global**^a para o período de julho de 2020. Adicionalmente, a sua evolução nos catorze momentos de recolha do Observatório da Sociedade Portuguesa será graficamente representada. Os indicadores gerais de felicidade global, satisfação com a vida no geral e satisfação com atividades diárias foram medidos através de uma escala que varia entre 0 e 10 pontos (com valores superiores indicando uma maior presença da característica).

À semelhança do obtido em estudos anteriores, os resultados do presente estudo sugerem que os participantes se sentem felizes ($M = 6.60$; $DP = 1.75$), satisfeitos com a vida em geral ($M = 6.50$; $DP = 1.69$), e satisfeitos com as atividades diárias ($M = 6.90$; $DP = 1.92$).

A evolução destes indicadores gerais de felicidade, satisfação com a vida, e satisfação com atividades diárias, entre outubro de 2015 e julho de 2020, encontra-se representada na Figura 3.

Felicidade e Satisfação com a vida

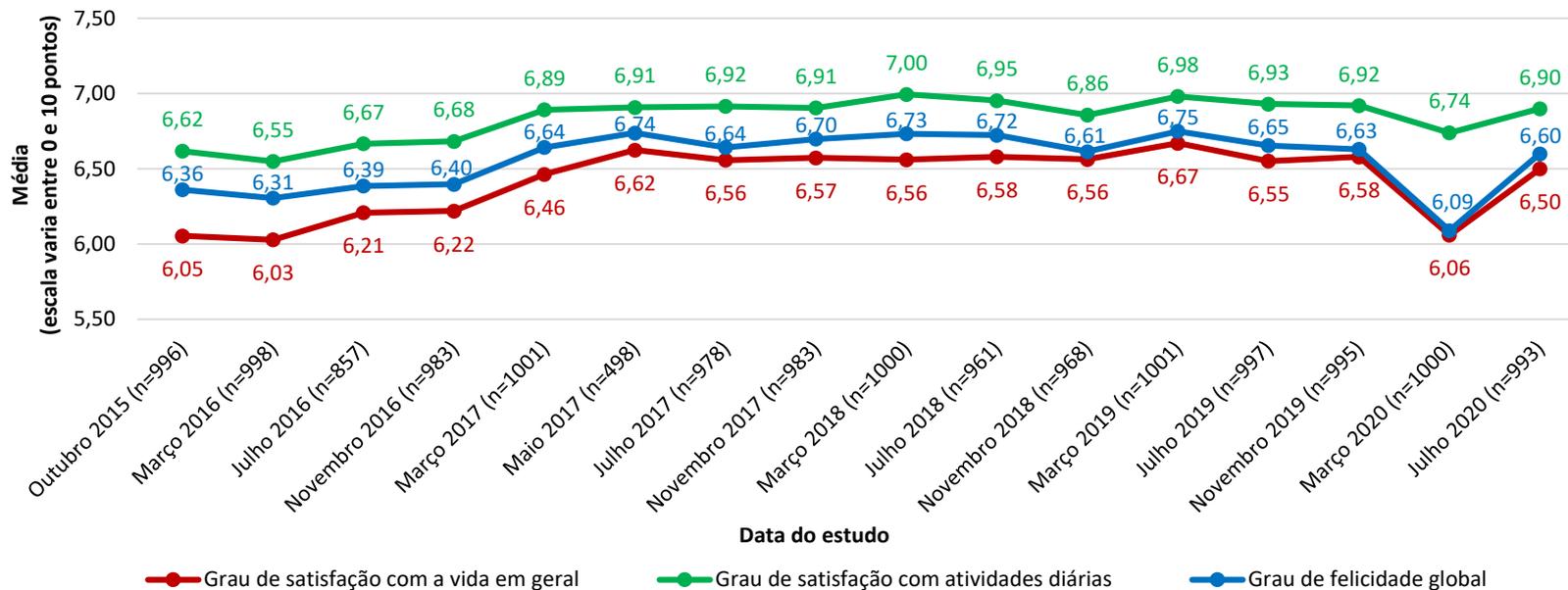


Figura 3 - Evolução dos valores médios dos indicadores gerais de felicidade e satisfação com a vida, entre outubro 2015 e julho 2020 (0= Extremamente insatisfeito/infeliz e 10= Extremamente satisfeito/feliz)



Comparativamente ao período homólogo, os índices apresentam uma ligeira descida na ordem dos -0.83% (felicidade global), -0.79% (satisfação com a vida em geral), e -0.45% (satisfação com as atividades diárias). De salientar a recuperação e aumento dos três indicadores em comparação com o período anterior, março de 2020, caracterizado pelo início do isolamento social em Portugal face à pandemia de COVID-19.

II. SATISFAÇÃO COM A VIDA



Principais conclusões:

- Os participantes concordam moderadamente com a generalidade dos itens que avaliam satisfação com a vida (por exemplo: “Em muitos aspetos a minha vida aproxima-se dos meus ideais”).
- Como verificado em estudos anteriores, o item “Se pudesse viver a minha vida de novo, não alteraria praticamente nada” é avaliado com os valores mais baixos de concordância.

Nesta secção apresentamos resultados mais aprofundados sobre a perceção de satisfação com a vida, medidos através da escala de satisfação com a vida^b. Os itens desta escala foram analisados **individualmente** (medida relativa) e **em termos absolutos** (índice global).

Considerando uma escala de resposta que varia entre 1 e 7 pontos (com valores superiores a indicarem maior concordância), os participantes estão, em média, de acordo com a maioria das afirmações de satisfação com a vida (Figura 4). Os participantes reportam níveis médios de concordância mais elevados nas seguintes afirmações:

- “Estou satisfeito com a minha vida” (M = 4.70; DP = 1.42);
- “Até agora, consegui obter aquilo que era importante na vida” (M = 4.67; DP = 1.50);
- “Em muitos aspetos a minha vida aproxima-se dos meus ideais” (M = 4.62; DP = 1.47);
- “As minhas condições de vida são excelentes” (M = 4.47; DP = 1.44).

Por outro lado, os participantes reportam níveis de concordância menos elevados em relação ao item:

- “Se pudesse viver a minha vida de novo, não alteraria praticamente nada” (M = 3.63; DP = 1.82).

Tendo em conta o **índice global**, verifica-se que os participantes se encontram moderadamente satisfeitos com a vida (M = 4.42; DP = 1.25).

Indicador específico de satisfação com a vida

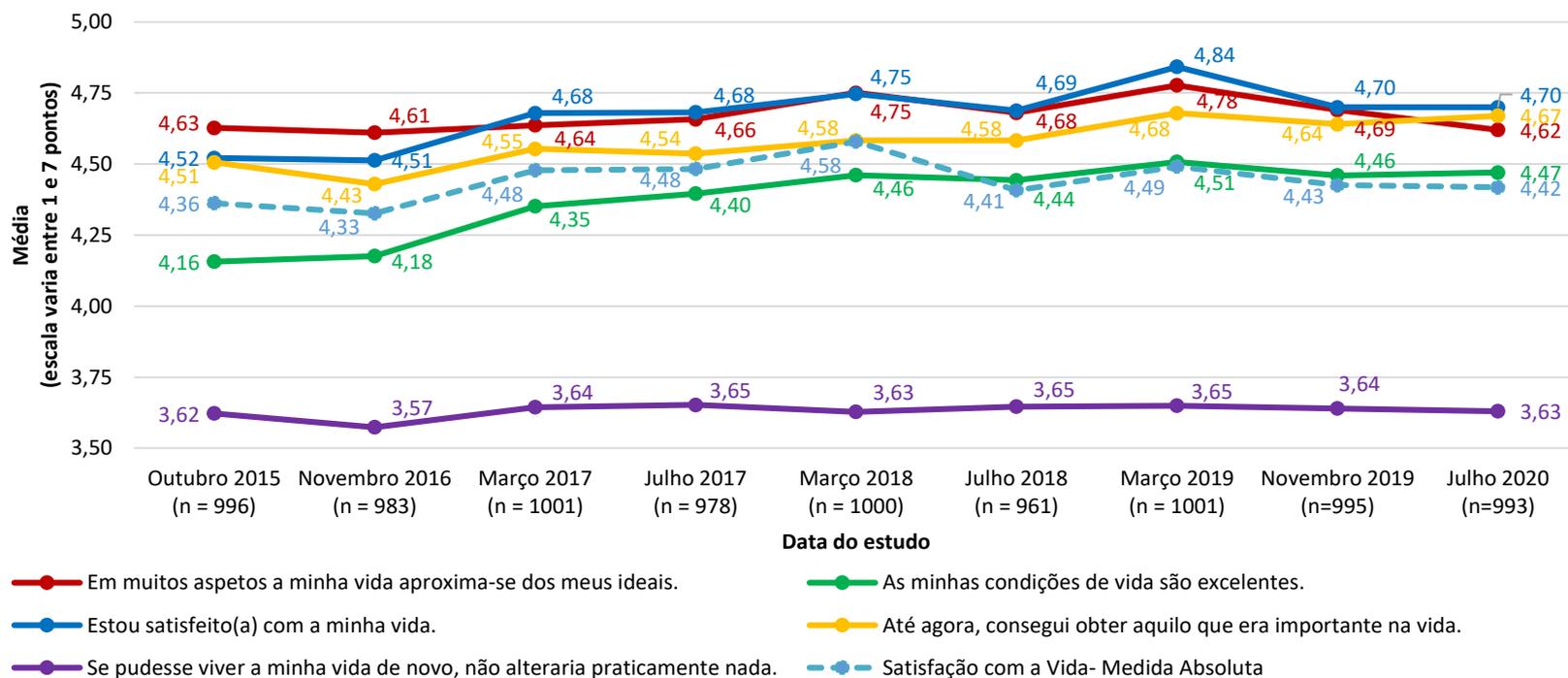


Figura 4 - Evolução dos valores médios do indicador específico de satisfação com a vida, em termos relativos e absolutos, entre outubro 2015 e julho 2020 (1= Totalmente em desacordo e 7= Totalmente de acordo)



Comparativamente ao período de recolha anterior (novembro, 2019), os cinco itens apresentam-se em geral bastante estáveis. O decréscimo mais acentuado é apresentado pelo item “Em muitos aspetos a minha vida aproxima-se dos meus ideais” (-1.5%).

III. PERCEÇÃO DA POSIÇÃO NA SOCIEDADE



Principais conclusões:

- A maioria dos participantes percebe que se encontra em torno de uma posição central na escala da sociedade.
- Os participantes que se posicionam no extremo superior da sociedade revelam níveis médios superiores de felicidade global e de satisfação com a vida do que os respondentes que se posicionam no extremo inferior da sociedade.
- Verifica-se que 23.1% dos participantes que se posicionam no extremo inferior estão desempregados no momento do estudo, 48.6% trabalham a tempo inteiro enquanto que no extremo superior da pirâmide, apenas 8.6% dos participantes estão desempregados no momento do estudo e 65.5% trabalham a tempo inteiro.

Na presente secção descrevemos os resultados relativos à percepção de posição na sociedade^c.

A maioria dos participantes localiza-se em torno de uma posição central na escala da sociedade (62.7%; 4 a 6 pontos na escala), 17.4% percebe-se no extremo inferior da sociedade (0 a 3 pontos na escala) e 19.8% no extremo superior da sociedade (7 a 10 pontos na escala). Considerando os resultados obtidos em 2019, neste estudo há uma proporção maior de participantes que se posicionam em torno de uma posição central (58.9% em 2019 versus 62.7% em julho de 2020), uma proporção menor de participantes que se posicionam na base da pirâmide (18.6% em 2019 versus 17.4% em julho de 2020), e uma menor percentagem de participantes posiciona-se no topo da pirâmide (22.5% em 2019 versus 19.8% em julho de 2020).

Perceção da posição ocupada na sociedade

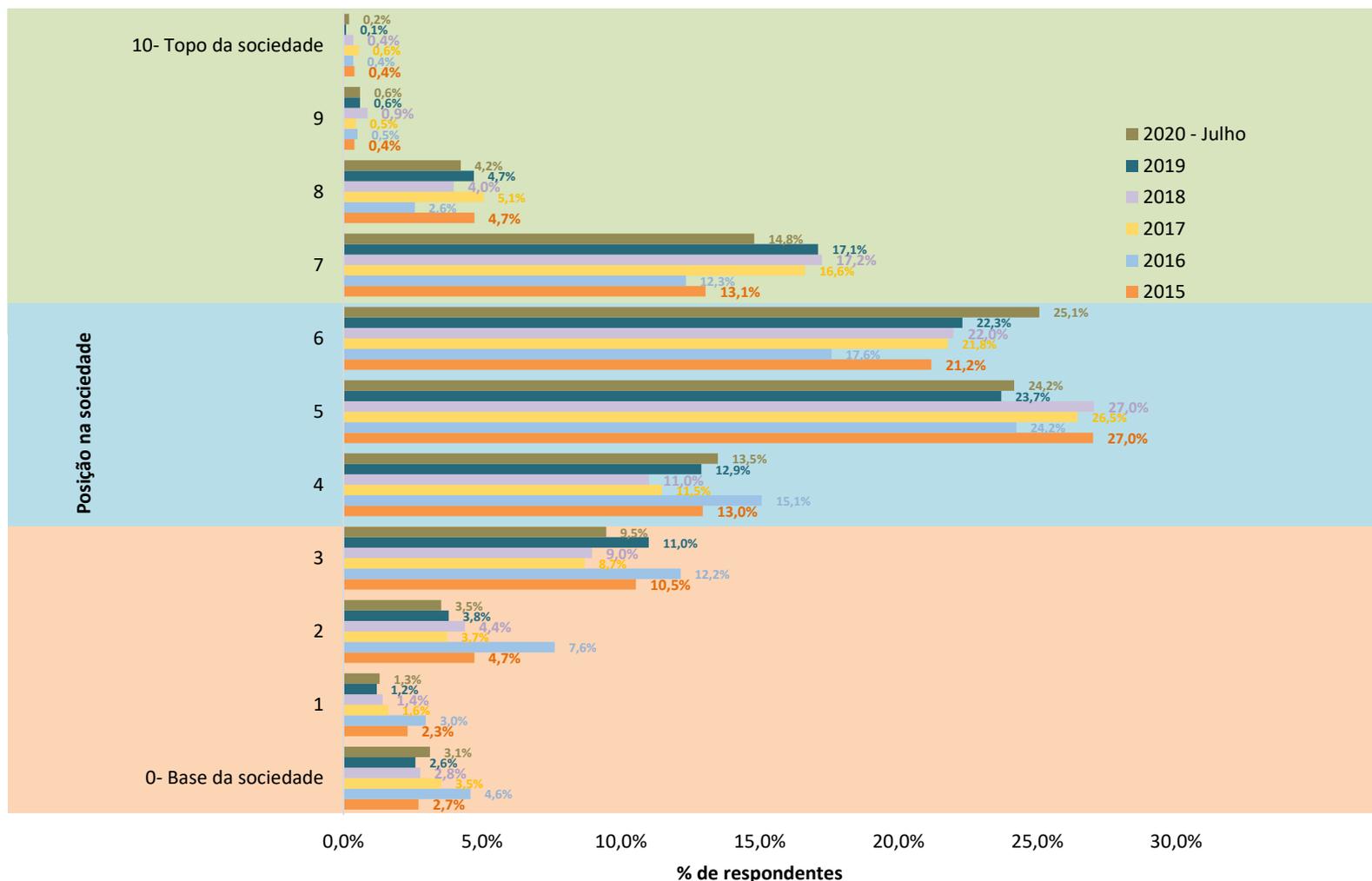


Figura 5 - Posição na sociedade reportada pelos participantes nos estudos realizados entre 2015 (médias anuais) e no presente estudo, de julho de 2020

Posição na sociedade – Relação com felicidade, satisfação e características individuais

Distribuição dos Participantes: Posição na Sociedade e indicadores de Felicidade global e Satisfação com a vida

À semelhança do observado em estudos anteriores do Observatório da Sociedade Portuguesa, os participantes que se posicionam no extremo superior da sociedade revelam níveis médios mais elevados em comparação com os respondentes no extremo inferior da sociedade, nos indicadores de felicidade global ($M = 7.47$; $DP = 1.40$ versus $M = 5.45$; $DP = 2.16$) e de satisfação com a vida no geral ($M = 7.41$; $DP = 1.26$ versus $M = 5.30$; $DP = 2.09$).

Distribuição dos Participantes: Posição na Sociedade por Género e Condição perante o trabalho

No que concerne a posição na sociedade por género, é possível observar que 65.4% das participantes do género feminino se posicionam no centro da hierarquia, 17.0% posicionam-se no extremo inferior da pirâmide, e 17.7% posicionam-se no extremo superior da pirâmide. No género masculino, 57.0% posicionam-se no centro, 24.6% no topo, e 18.4% na base da pirâmide.

Quando se analisa a pirâmide da posição na sociedade por condição de trabalho verificamos que, no extremo inferior, 48.6% trabalham a tempo inteiro, 13.9% a tempo parcial, 23.1% estão desempregados, 9.8% são estudantes, e os restantes estão noutras condições. Por outro lado, no extremo superior da pirâmide, apenas 8.6% dos participantes estão desempregados no momento do estudo, 65.5% trabalham a tempo inteiro, 12.2% trabalham a tempo parcial, 10.7% são estudantes, e os restantes encontram-se noutras condições.

IV. PERCEÇÃO DE SAÚDE



Principais conclusões:

- A maioria dos participantes refere ter uma saúde boa a ótima.
- Destaca-se a descida da concordância com o item do item “Sinto que adoço mais facilmente do que as outras pessoas”, que desceu -4.1%.
- Os itens “Sinto dificuldade em realizar as minhas atividades diárias devido à minha saúde” e “Sinto que a minha saúde interfere no meu relacionamento social com a família, amigos, vizinhos e outras pessoas”, apresentaram subidas ligeiras.

Nesta secção apresentamos os resultados sobre a percepção geral de saúde, grau de concordância com questões de **saúde e estado de saúde atual**^d.

Dos participantes avaliados, 81.9% referem ter uma saúde boa a ótima (38.1% referem ser boa, 32.4% afirmam ser muito boa e 11.4% referem ser ótima) enquanto que 18.1% reportam ter uma saúde razoável ou fraca (15.2% razoável e 2.9% fraca).

Grau de concordância relativamente a questões de saúde

De modo a obter mais detalhe acerca da percepção de saúde dos participantes, estes foram também questionados sobre o grau de concordância com um conjunto de afirmações relacionadas com saúde. Esta variável foi medida utilizando uma escala que varia entre 1 e 7 pontos (com valores superiores a indicarem maior concordância). As Figuras 6 e 7 apresentam a evolução dos valores médios do grau de concordância com essas afirmações, entre novembro de 2016 e julho de 2020.

Grau de concordância relativamente a questões de saúde

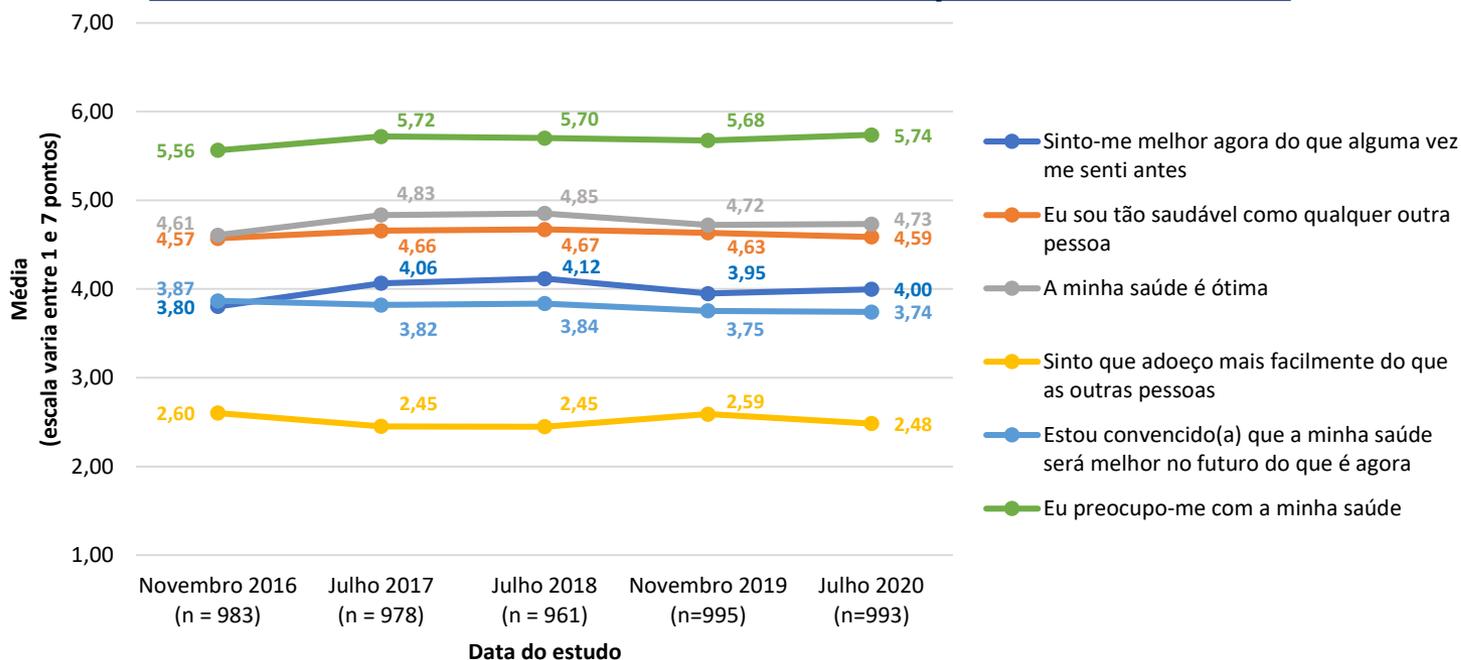


Figura 6- Valores médios do grau de concordância com afirmações relativas à percepção de saúde, obtidos entre novembro 2016 e julho 2020 (1= Discordo totalmente e 7= Concordo totalmente)



De uma forma geral, os participantes parecem ter uma percepção da sua saúde muito semelhante em julho de 2020, comparativamente com o período de recolha anterior (novembro 2019). Ainda assim, destaca-se a descida do item “Sinto que adoço mais facilmente do que as outras pessoas”, que desceu -4.1%.

Grau de concordância em relação a limitações causadas pelo estado de saúde atual

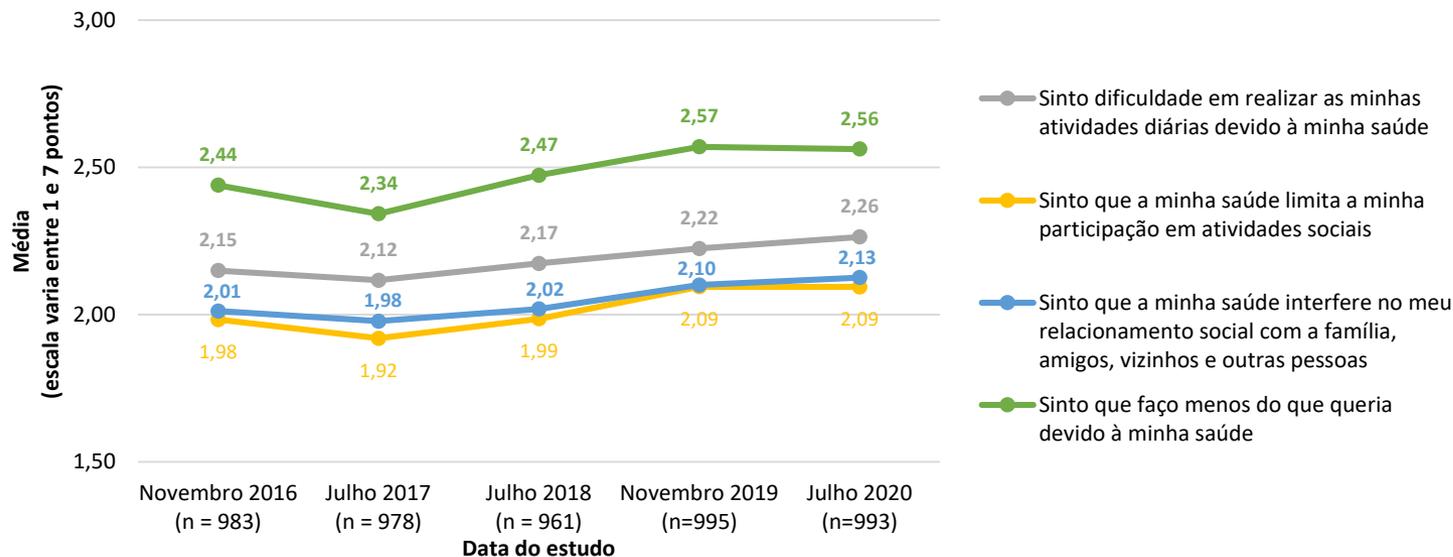


Figura 7- Valores médios do grau de concordância com afirmações relativas à percepção de estado de saúde atual, obtidos em novembro 2016 e julho 2020 (1= Discordo totalmente e 7= Concordo totalmente)



Em comparação com o período de recolha anterior (novembro 2019), verifica-se a subida ligeira da concordância com o item “Sinto dificuldade em realizar as minhas atividades diárias devido à minha saúde”, que subiu 1.8% e com o item “Sinto que a minha saúde interfere no meu relacionamento social com a família, amigos, vizinhos e outras pessoas”, com uma subida de 1.2%.

V. QUALIDADE DE VIDA



Principais conclusões:

- Os participantes reportam ter uma boa qualidade de vida.
- Em comparação com o período de recolha anterior (novembro, 2019), verifica-se estabilidade ou aumento da maioria dos itens da escala (por exemplo: “Até que ponto está satisfeito com a sua saúde?”).
- Verifica-se que os participantes avaliam a sua qualidade de vida como sendo em média um pouco melhor que em novembro de 2019, tendo havido um aumento de 1,1% nesta avaliação.

Nesta secção apresentamos os principais resultados sobre qualidade de vida^e nos membros da sociedade portuguesa que participaram neste estudo.

A qualidade de vida foi medida através de oito afirmações e utilizando uma escala de resposta que varia entre 1 e 5 pontos, com valores superiores a indicarem melhor avaliação e maior grau de satisfação com os itens.

Em geral, os participantes avaliam de forma positiva a maioria das afirmações relacionadas com a qualidade de vida. No que concerne a qualidade de vida em geral, os participantes reportam ter uma qualidade de vida boa ($M = 3.58$; $DP = 0.71$).

Perceção de qualidade de vida

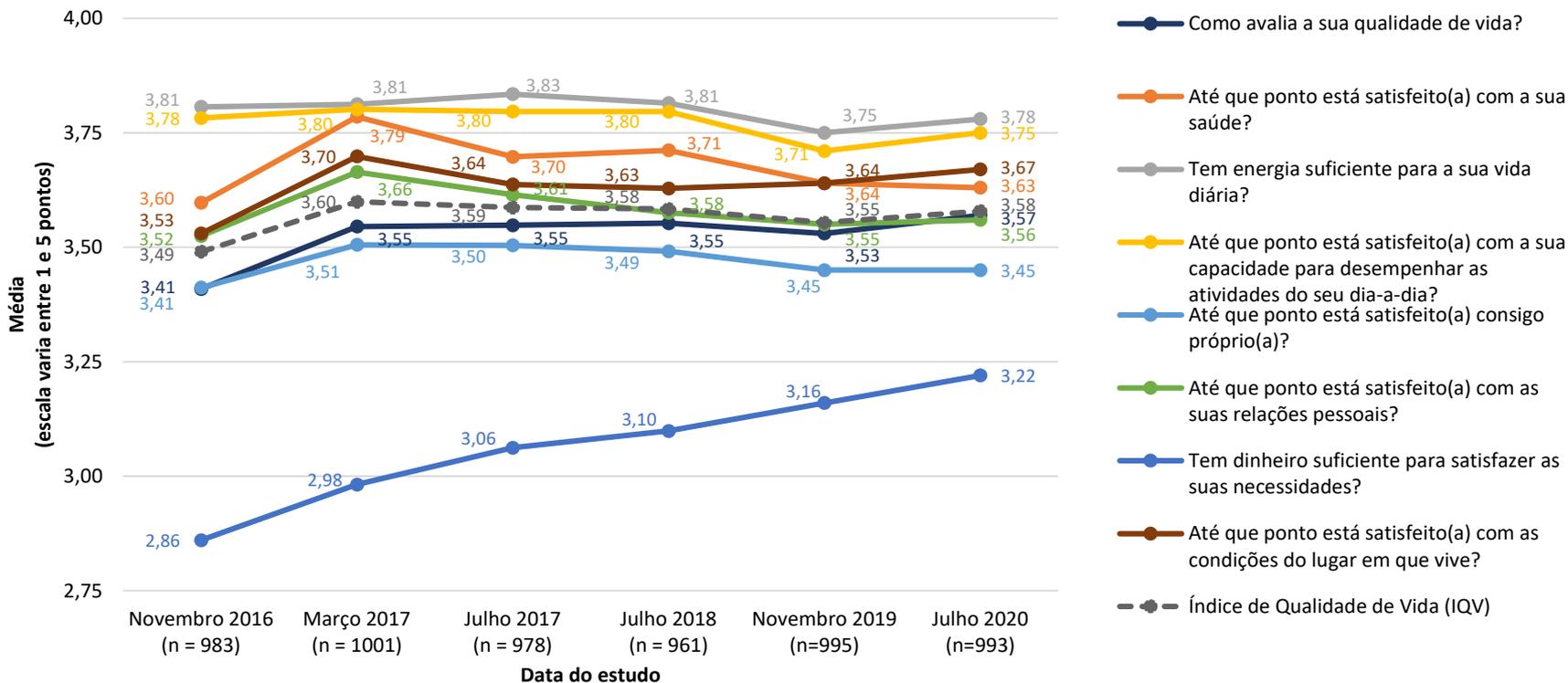


Figura 8 - Evolução dos valores médios do indicador específico de qualidade de vida e do índice de qualidade de vida, entre novembro 2016 e julho 2020



Observando na Figura 8 os diversos itens utilizados para aferir qualidade de vida, e em comparação com o período de recolha anterior (novembro 2019), verifica-se no geral alguma estabilidade entre os dois pontos de recolha. Verifica-se uma subida mais acentuada da concordância com o item “Tem dinheiro suficiente para satisfazer as suas necessidades?”, que aumentou 1.9% e com item “...satisfeito(a) com a sua capacidade para desempenhar as atividades do seu dia-a-dia?” que aumentou 1.1%. Tendo em conta o aumento no valor médio da resposta ao item “Como avalia a sua qualidade de vida”, verifica-se que os participantes avaliam a sua qualidade de vida como sendo em média um pouco melhor que em novembro de 2019, tendo havido um aumento de 1,1%.

VI. HÁBITOS DE POUPANÇA E RENDIMENTO



Principais conclusões:

- O índice de hábitos de poupança (IHP) sugere um nível positivo de poupança.
- Os participantes que referem que não conseguiram poupar em 2019 possuem atualmente um rendimento equivalente médio mensal de 625.98€.
- Os participantes declaram ter pouparado um pouco menos do seu rendimento em 2019 em comparação com 2018 (valores reportados em julho de 2019 e julho de 2020, respeitantes ao ano anterior).

Nesta secção apresentam-se os estudos relativos aos **hábitos de poupança** (Figura 9) e **avaliação do rendimento e interesse em poupar**^f (Figura 10).

Relativamente aos hábitos de poupança, os participantes discordam, em média, que quando têm algum dinheiro, gastam-no imediatamente ($M = 1.92$; $DP = 1.27$) e que conveniência é mais importante que poupar dinheiro ($M = 3.18$; $DP = 1.54$). Adicionalmente, em média, os participantes concordam que têm cuidado com a forma como gastam o dinheiro ($M = 6.13$; $DP = 1.12$), que quando têm algum dinheiro conseguem sempre poupar algum ($M = 5.82$; $DP = 1.43$), e que só fazem compras do que precisam ($M = 5.01$; $DP = 1.44$).

No que concerne o índice de hábitos de poupança (IHP), obteve-se um valor médio de 5.57 pontos ($DP = 0.95$), o que sugere que os participantes reportam um nível positivo de hábitos de poupança. Na Figura 9 é apresentada a evolução dos hábitos de poupança, entre março 2017 e julho 2020.

Hábitos de Poupança

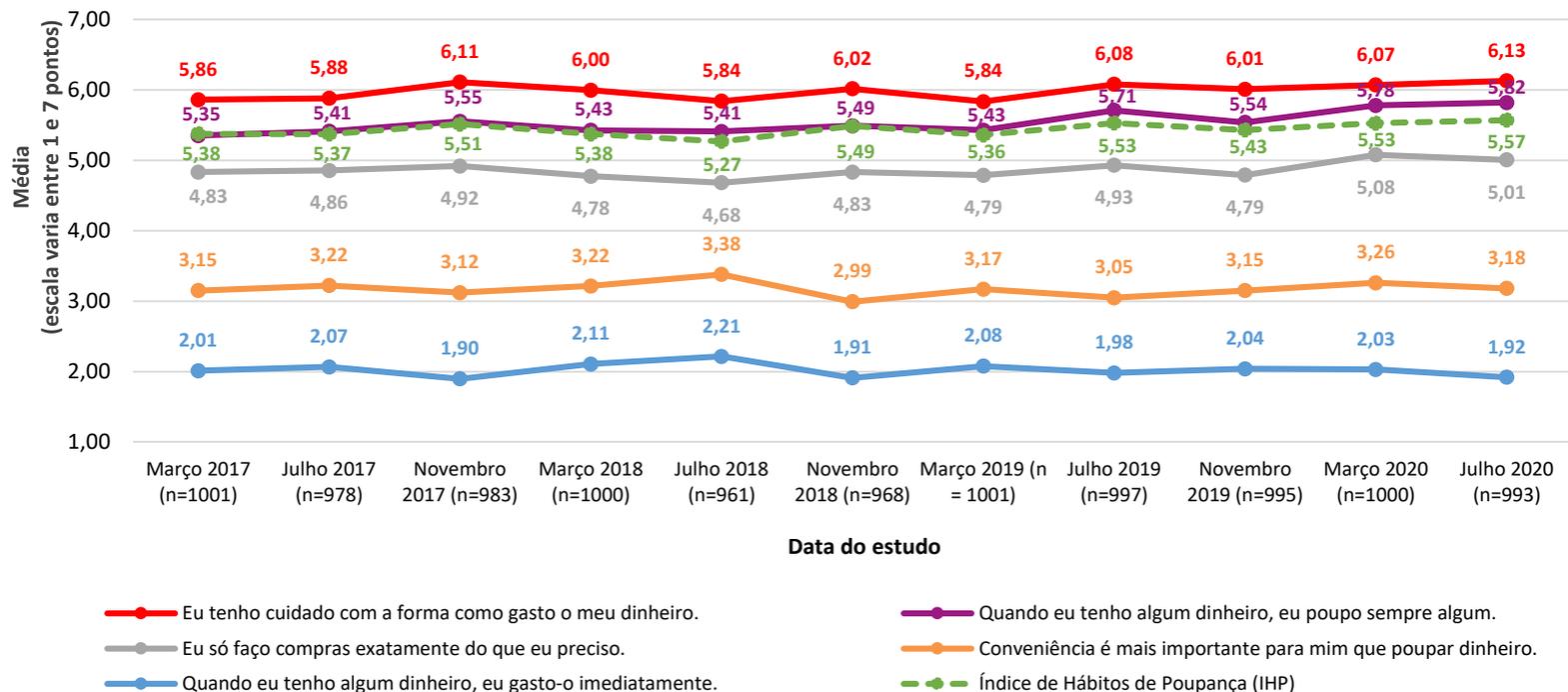


Figura 9- Evolução dos hábitos de poupança, entre março 2017 e julho 2020 (escala varia entre 1 = “Discordo totalmente” e 7 = “Concordo totalmente”)



Comparando os resultados obtidos no presente estudo com os resultados obtidos em período homólogo (julho de 2019), o Índice de Hábitos de Poupança apresenta um aumento de apenas 0.7%. Destaca-se o aumento acentuado da concordância com os itens “Conveniência é mais importante para mim que poupar dinheiro” e “Quando eu tenho algum dinheiro, eu poupo sempre algum” na ordem dos 4.3% e 2.0%, respetivamente; destaca-se também a ligeira diminuição do nível de concordância com o item “Quando eu tenho algum dinheiro, eu gasto-o imediatamente”, na ordem dos -3.0%.

Capacidade de poupança do agregado familiar por rendimento equivalente

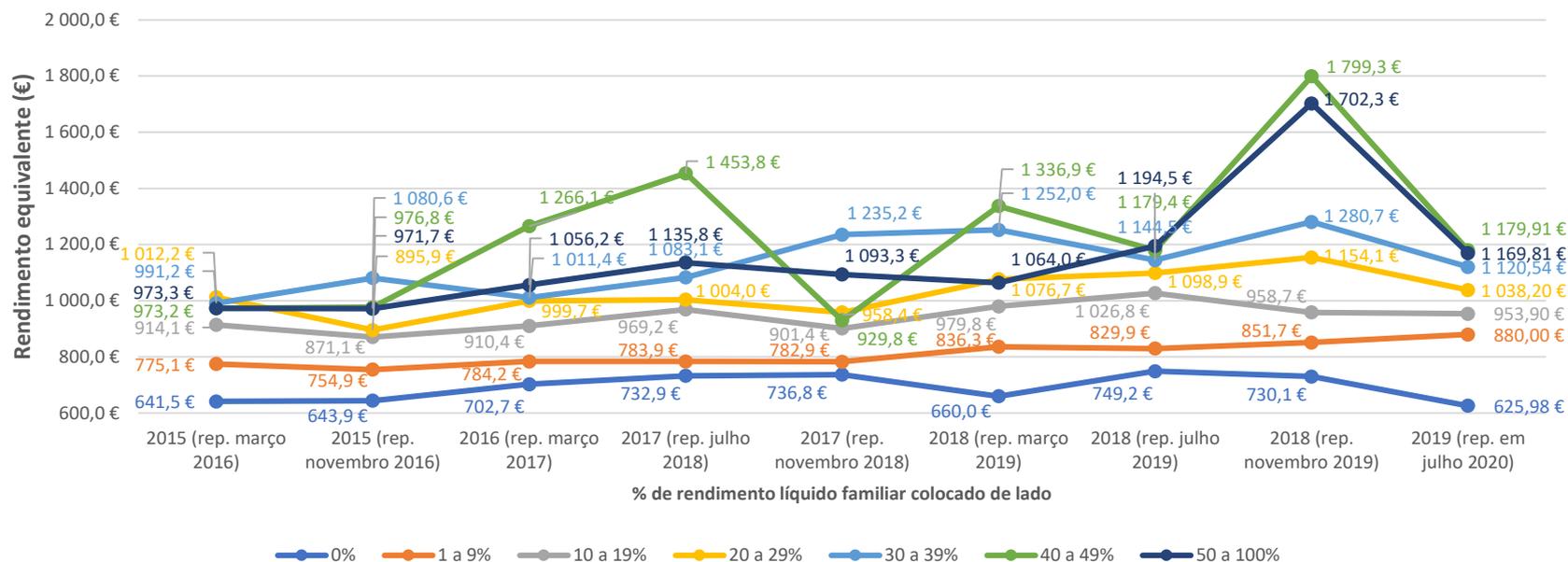
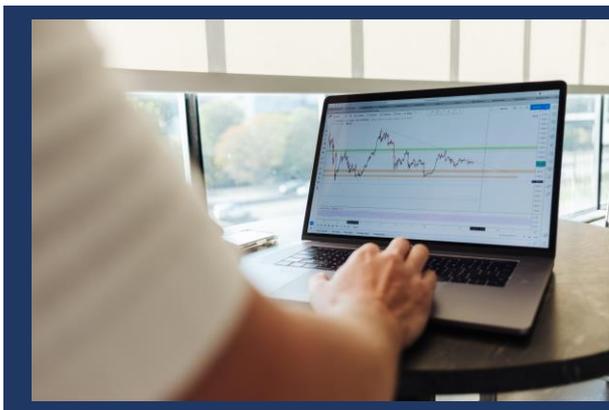


Figura 11 - Capacidade de poupança do agregado familiar entre 2015 e 2019, por rendimento equivalente

No que concerne à relação entre o **rendimento equivalente dos participantes e a capacidade de poupança**⁹, os participantes que referem que não conseguiram poupar em 2019 possuem atualmente um rendimento equivalente médio mensal de 625.98€, os que pouparam 1% a 9% do rendimento do agregado familiar possuem um rendimento equivalente médio mensal de 880.00€, os que pouparam 10% a 19% possuem um rendimento equivalente médio de 953.90€, e os que pouparam 20% a 29% possuem um rendimento equivalente médio de 1038.20€. Os escalões intermédios, representados pelos grupos de participantes que pouparam entre 30% a 39% e entre 40% a 49% do rendimento do agregado familiar, possuem um rendimento equivalente médio de 1120.54€ e de 1179.91€, respetivamente. Os participantes que conseguiram poupar 50% ou mais do rendimento mensal do agregado familiar possuem um rendimento equivalente médio de 1169.81€.

Comparando os valores médios de rendimento equivalente em 2019 (reportado em julho de 2020) e em 2018 (reportado em julho de 2019), no geral, verifica-se que o rendimento equivalente médio é ligeiramente inferior em 2019 em comparação com 2018 (964.44€ versus 982.38€).

VII. CONFIANÇA ECONÓMICA



Principais conclusões:

- Em julho de 2020, os participantes têm, em geral, uma visão bem mais negativa que positiva das condições económicas em Portugal, tanto quanto às condições económicas atuais de Portugal como em relação à mudança do estado das condições económicas em Portugal.
- Verifica-se uma recuperação na confiança relativamente à questão sobre se as condições económicas em Portugal vão melhorar ou piorar, quando comparando os índices de julho de 2020 a março de 2020, início do período de isolamento social face à pandemia de COVID-19.

No que concerne a avaliação das condições económicas^h (CE) em Portugal, considerando a situação de Portugal no momento do estudo, medida através de uma escala que varia entre 1 e 7 pontos (com valores superiores a indicarem melhor avaliação), **16.2% dos participantes reportam que as condições económicas são boas a excelentes** (5 a 7 pontos), **28.0% reportam que são moderadas** (4 pontos), e **55.8% que são fracas a muito fracas** (1 a 3 pontos).

Assim, o **Indicador geral do Estado Atual das condições económicas em Portugal** (IEA; IEA = %CE boas/excelentes - %CE fracas/muito fracas), obteve o valor de **-39.6** sugerindo que há uma maior proporção de participantes a avaliar as condições económicas atuais de Portugal como fracas ou muito fracas que a avaliar como boas ou excelentes.

Relativamente à questão sobre se as condições económicas em Portugal vão melhorar ou piorar, medida através de uma escala que varia entre 1 e 7 pontos (com valores superiores a indicarem melhor avaliação), **10.6% dos participantes reportam que vão melhorar** (5 a 7 pontos), **11.3% reportam que nem vão piorar nem melhorar** (4 pontos), e **78.2% indicam que vão piorar** (1 a 3 pontos). Neste sentido, o **Indicador geral de Mudança do estado das condições Económicas em Portugal** (IME; IME = %CE vão melhorar - %CE vão piorar), obteve o valor de **-67.6** sugerindo que a maioria dos participantes percebe que as condições económicas em Portugal vão piorar, em comparação com a uma minoria que acham que vão melhorar (Figura 12).

Indicadores de Confiança Económica

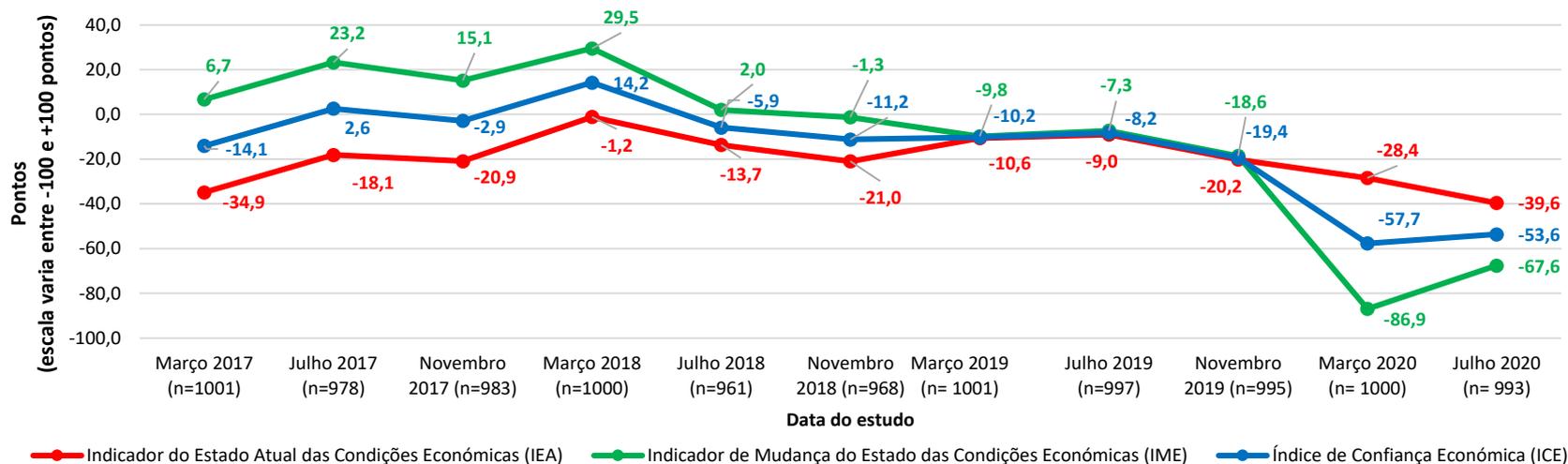


Figura 12 - Evolução dos Índices de Confiança Económica, entre março 2017 e julho 2020

Assim, o **Índice de Confiança Económica em Portugal (ICE; $(IEA + IME) / 2$)**, calculado com base no Indicador do Estado Atual das condições económicas (IEA) e no Indicador de Mudança do estado das condições Económicas (IME) registou o valor de **-53.6** indicando que, em geral, os participantes têm **uma visão bastante mais negativa que positiva das condições económicas em Portugal**, tanto quanto às condições económicas atuais de Portugal como em relação à mudança do estado das condições económicas em Portugal (Figura 12).

A Figura 12 apresenta os valores dos indicadores IEA e IME, bem como do ICE, obtidos nos estudos do OSP realizados entre março de 2017 e julho de 2020. Como pode ser observado, o **IEA apresenta um valor negativo e uma descida face a março de 2020** (de -28.4 para -39.6). O **IME apresenta também um valor negativo apesar da recuperação face aos valores de março de 2020** (de -86.9 para -67.6), referentes ao início do período de isolamento social face à pandemia de COVID-19. Ainda assim, comparando o ICE de julho de 2019 e de julho de 2020, verifica-se ainda uma descida muito acentuada (de -8.2 para -53.6). Esta evolução sugere que em julho de 2020, os participantes têm, em geral, uma visão bem mais negativa que positiva das condições económicas em Portugal, tanto quanto às condições económicas atuais de Portugal como em relação à mudança do estado das condições económicas em Portugal.

VII. CONSUMO SUSTENTÁVEL



Principais conclusões:

- Entre os hábitos sustentáveis apontados pelos participantes com uma maior frequência estão o uso dos próprios sacos nas compras, uso de lâmpadas e eletrodomésticos eficientes.
- Verifica-se que fazer compostagem é de todos os hábitos o desempenhado com menor frequência.
- Os participantes parecem menos envolvidos no consumo com selo de “comércio justo”.

Neste estudo pontual de julho de 2020, os participantes foram convidados a refletirem acerca dos seus **hábitos de consumo sustentável**. Diversos itens que descrevem hábitos sustentáveis foram apresentados e os participantes responderam numa escala de 1 a 5, em que 1 corresponde a “Nunca” e 5 corresponde a “Sempre”.

No que diz respeito a hábitos de consumo relativos ao comércio, em média, os participantes revelam que “às vezes” consomem produtos orgânicos ($M = 2.91$; $DP = 0.86$) e produtos com o selo de comércio justo ($M = 2.67$; $DP = 0.86$). Com uma frequência média ligeiramente superior, os participantes apontam também que “às vezes” compram produtos locais ($M = 3.42$; $DP = 0.81$) e compram em lojas locais ($M = 3.29$; $DP = 0.85$).

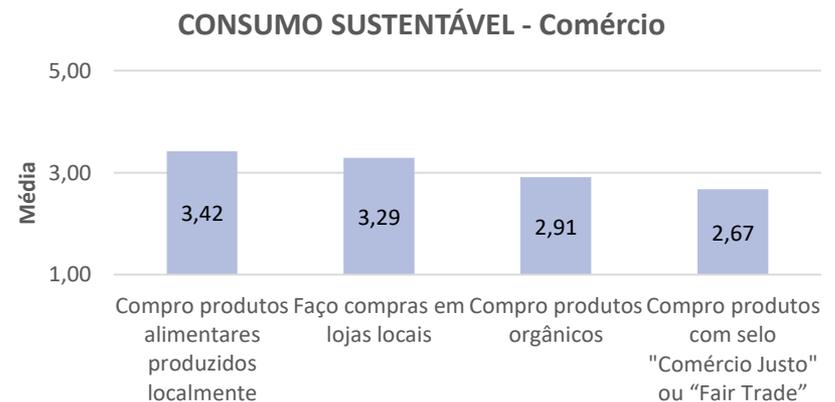


Figura 13.1 – Frequência com que são adotados comportamentos sustentáveis (1= Nunca e 5= Sempre)

CONSUMO SUSTENTÁVEL - Reutilização de materiais, poupança de água e fontes energéticas

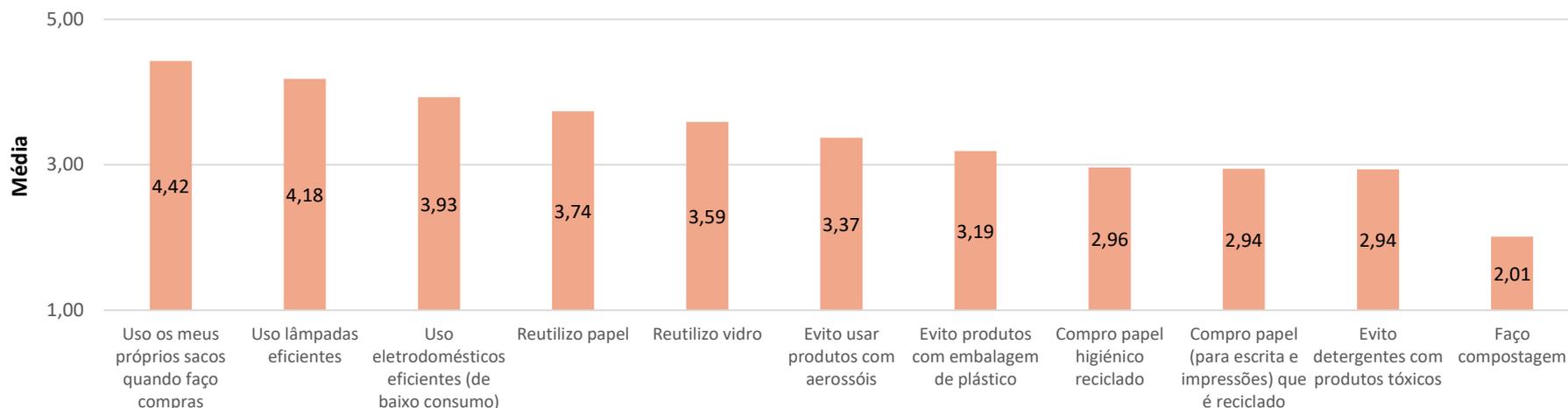


Figura 13.2 - Frequência com que são adotados comportamentos sustentáveis (1= Nunca e 5= Sempre)

No que diz respeito à reutilização de materiais, e poupança de água e fontes energéticas, em média, os participantes revelam que “muitas vezes” usam os seus próprios sacos nas compras ($M = 4.42$; $DP = 0.77$), usam lâmpadas eficientes ($M = 4.18$; $DP = 0.85$), eletrodomésticos eficientes ($M = 3.93$; $DP = 0.82$), reutilizam papel ($M = 3.74$; $DP = 1.11$) e vidro ($M = 3.59$; $DP = 1.17$).

Os participantes respondem que é com menor frequência evitam usar produtos com aerossóis ($M = 3.37$; $DP = 1.09$), produtos com embalagem de plástico ($M = 3.19$; $DP = 0.92$), compram papel higiénico reciclado ($M = 2.96$; $DP = 1.24$), compram papel (para escrita e impressões) reciclado ($M = 2.94$; $DP = 1.13$), e evitam detergentes com produtos tóxicos ($M = 2.94$; $DP = 1.10$).

Por fim, verifica-se que fazer compostagem é de todos os hábitos o desempenhado com menor frequência pelos participantes ($M = 2.01$; $DP = 0.86$).

IX. RESPONSABILIDADE SOCIAL DAS EMPRESAS



Principais conclusões:

- 36.6% dos participantes indicaram que frequentemente ou sempre optam por marcas socialmente responsáveis.
- os participantes, em média, concordam totalmente com a afirmação “Se o preço e a qualidade de dois produtos fossem iguais, eu optaria por comprar o produto da empresa que desenvolve iniciativas socialmente responsáveis”.

Na última secção do estudo pedimos aos participantes que tivessem em mente empresas que, para além da sua atividade principal, consideram o seu impacto ambiental e contribuem para a sociedade em geral.

Foi indicado aos participantes que algumas das ações praticadas por estas empresas podem ser: contribuir para a preservação do ambiente, apoiar organizações de solidariedade social, promover atividades sociais e culturais, ou fornecer boas condições contratuais aos seus colaboradores.

Solicitou-se aos participantes que indicassem nomes de até 3 empresas/marcas que consideram socialmente responsáveis. As empresas referidas em primeiro lugar pelos participantes (**top of mind**) estão representadas no gráfico da figura 14.

Indique o nome de (no máximo três) empresas/marcas que se recorde que tenham desenvolvido atividades socialmente responsáveis:

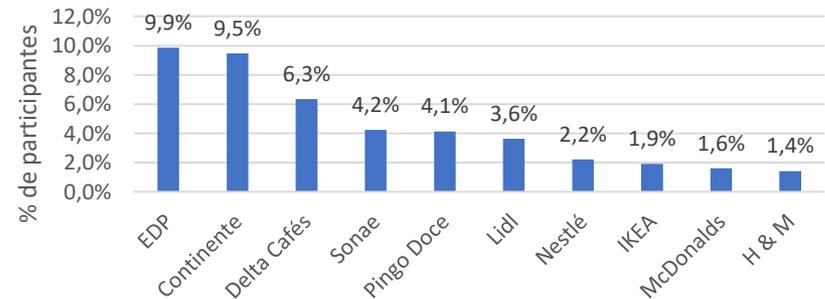


Figura 14 – As 10 empresas indicadas em primeiro lugar por um maior número de participantes, como praticantes de atividades socialmente responsáveis.

Consumo de marcas/empresas socialmente responsáveis

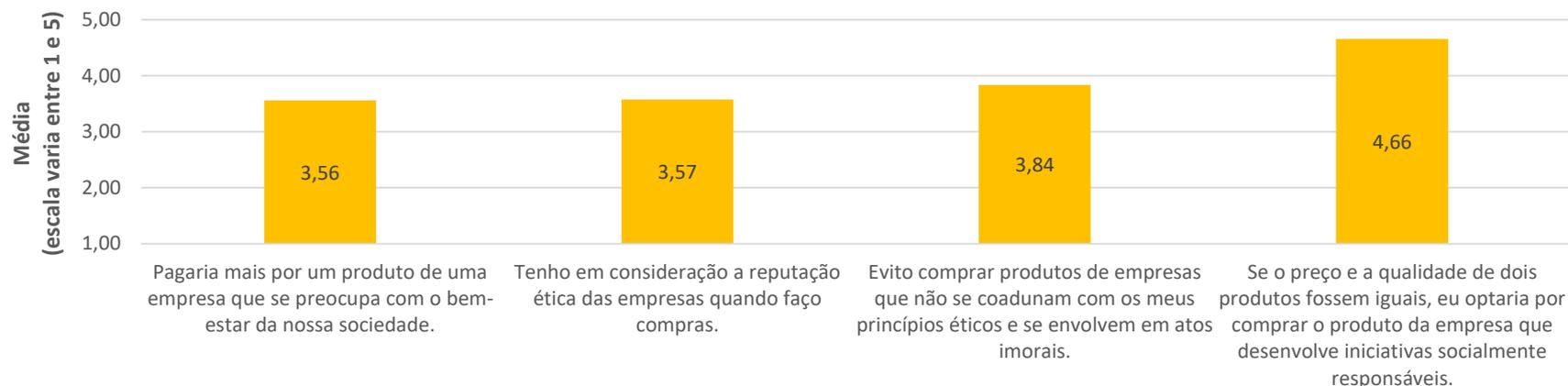


Figura 15 – Consumo de marcas socialmente responsáveis (1= Discordo totalmente e 5= Concordo totalmente)

Após refletirem e listarem marcas que desenvolvem este tipo de ações os participantes foram questionados acerca da frequência de consumo de marcas socialmente responsáveis. 26.1% dos participantes indicam que nunca ou raramente compram **marcas socialmente responsáveis**, 37.6% respondem que **às vezes compram marcas socialmente responsáveis** e 36.6% dos participantes indicam que **frequentemente ou sempre optam por estas marcas**.

A figura 15 representa o nível de concordância com itens relativos ao consumo de marcas/empresas socialmente responsáveis. Os participantes em média concordam com as afirmações “Pagaria mais por um produto de uma empresa que se preocupa com o bem-estar da nossa sociedade” (M = 3.56 ; DP = 1.01), “Tenho em consideração a reputação ética das empresas quando faço compras” (M = 3.57 ; DP = 1.02) e “Evito comprar produtos de empresas que não se coadunam com os meus princípios éticos e se envolvem em atos imorais” (M = 3.84 ; DP = 1.06). Adicionalmente, os participantes, em média, concordam totalmente com a afirmação “Se o preço e a qualidade de dois produtos fossem iguais, eu optaria por comprar o produto da empresa que desenvolve iniciativas socialmente responsáveis” (M = 4.66 ; DP = 0.70).

CONCLUSÕES GERAIS I

- Os participantes sentem-se felizes, satisfeitos com a vida em geral, e satisfeitos com as atividades diárias.
- Verifica-se uma recuperação e aumento dos três indicadores de felicidade e satisfação com a vida face a março de 2020, período caracterizado pelo início do isolamento social em Portugal devido à pandemia de COVID-19.
- Tendo em conta os itens específicos que estudam a satisfação com a vida (e.g. “Em muitos aspetos a minha vida aproxima-se dos meus ideais.”), verifica-se que os participantes estão moderadamente satisfeitos com a vida.
- A maioria dos participantes percebe que se encontra em torno de uma posição central na escala da sociedade. Os participantes que se posicionam no extremo superior da sociedade revelam níveis médios de felicidade global e de satisfação com a vida superiores aos respondentes que se posicionam no extremo inferior da sociedade.
- A maioria dos participantes referem ter uma saúde boa a ótima. Comparativamente ao anterior período de recolha (novembro, 2019) verifica-se a subida ligeira da concordância com o item “Sinto dificuldade em realizar as minhas atividades diárias devido à minha saúde”, e item “Sinto que a minha saúde interfere no meu relacionamento social com a família, amigos, vizinhos e outras pessoas” – que poderá estar associada ao período de pandemia vivido atualmente.
- A percepção de qualidade de vida mantém-se estável, verificando-se estabilidade ou aumento da maioria dos itens que medem qualidade de vida neste estudo.
- O índice de hábitos de poupança (IHP) sugere um nível positivo de poupança.

CONCLUSÕES GERAIS II

- Os participantes têm uma visão bem mais negativa que positiva das condições económicas em Portugal, tanto quanto às condições económicas atuais como em relação à mudança do estado das condições económicas em Portugal. Verifica-se uma recuperação na confiança relativamente às condições económicas futuras em Portugal, quando comparando os índices de julho de 2020 aos de março de 2020, início do período de isolamento social face à pandemia de COVID-19.
- No estudo pontual de julho de 2020, os participantes foram convidados a refletir acerca dos seus hábitos de consumo sustentável e acerca das atividades de responsabilidade social das empresas.
- Entre os hábitos sustentáveis adotados com uma maior frequência pelos participantes estão o uso dos próprios sacos nas compras, e o uso de lâmpadas e eletrodomésticos eficientes. Por outro lado, os participantes parecem menos envolvidos no consumo de produtos com o selo de “comércio justo”.
- Os participantes parecem atentos às atividades socialmente responsáveis das empresas, concordando totalmente com a afirmação “Se o preço e a qualidade de dois produtos fossem iguais, eu optaria por comprar o produto da empresa que desenvolve iniciativas socialmente responsáveis”.

NOTAS

a O nível de felicidade global foi medido através da pergunta “Considerando todos os aspetos da sua vida, qual o grau de felicidade que sente?” e utilizando uma escala de 11 pontos em que 0 corresponde a “Extremamente infeliz” e 10 a “Extremamente feliz”. O grau de satisfação com a vida em geral foi medido através da questão “Qual é o seu grau de satisfação com a vida em geral?” e utilizando uma escala de 11 pontos em que 0 corresponde a “Extremamente insatisfeito(a)” e 10 a “Extremamente satisfeito(a)”. O grau de satisfação com atividades diárias foi avaliado através da questão “No geral, até que ponto sente que as coisas que faz na sua vida valem a pena?” e utilizando uma escala de 11 pontos em que 0 indica “Não valem nada a pena” e 10 significa “Valem bastante a pena”.

b A escala de satisfação com a vida é constituída por cinco afirmações sobre a forma como as pessoas avaliam as suas vidas e utilizando uma escala de resposta de 7 pontos com 1 a corresponder a “Totalmente em desacordo”, 4 a “Nem de acordo nem em desacordo” e 7 a “Totalmente de acordo”.

c A perceção da posição na sociedade foi medida através da questão “De uma forma geral, umas pessoas estão no topo da nossa sociedade e outras estão na base. A imagem em baixo representa uma escala que vai desde o topo até à base. Por favor assinale em que ponto da escala acha que se encontra atualmente.” e utilizando uma escala de 11 pontos, com 0 a corresponder à “Base da sociedade” e 10 a corresponder ao “Topo da sociedade”. Neste estudo, uma pontuação entre 4 e 6 na escala corresponde a uma posição central na sociedade, pontuações entre 0 e 3 correspondem a uma posição no extremo inferior da sociedade (base da sociedade) e pontuações entre 7 e 10 correspondem a uma posição no extremo superior da sociedade (topo da sociedade).

d A perceção do nível de saúde dos participantes foi avaliada através da questão “Em geral, diria que a sua saúde é?” e utilizando uma escala de resposta de 5 pontos que varia entre “Fraca” a “Ótima”. O grau de concordância relativamente a questões de saúde foi medido através de seis afirmações e utilizando uma escala de resposta de 7 pontos, com 1 a corresponder a “Discordo totalmente” e 7 a “Concordo totalmente”. Neste estudo, uma pontuação de 4 na escala corresponde a “Não concordo nem discordo”, pontuações entre 1 e 3 correspondem a “Discordo e/ou discordo totalmente” e pontuações entre 5 e 7 correspondem a “Concordo e/ou concordo totalmente”.

e A qualidade de vida foi estudada através de oito perguntas e utilizando uma escala de resposta de 5 pontos, em que 1 corresponde a “Muito fraca”/ “Muito insatisfeito(a)”/ “Nada” e 5 corresponde a “Muito boa”, “Muito satisfeito(a)”/ “Completamente”, respetivamente. O Índice de Qualidade de Vida (IQV) foi calculado como a média das pontuações das oito perguntas.

NOTAS

f Os hábitos de poupança foram medidos através de cinco itens e utilizando uma escala de resposta de 7 pontos, em que 1 corresponde a “Discordo totalmente” e 7 corresponde a “Concordo totalmente”. O Índice de Hábitos de Poupança (IHP) foi calculado como a média das pontuações dos cinco itens. Para o cálculo do IHP, as perguntas “Quando eu tenho algum dinheiro, eu gasto-o imediatamente” e “Conveniência é mais importante para mim que poupar dinheiro” foram invertidas de modo a que todas as questões tivessem o mesmo sentido. A avaliação do conforto em viver com o rendimento mensal líquido atual do agregado familiar foi medida através de uma escala de 11 pontos em que 0 corresponde a “É muito difícil viver com o rendimento atual” e 10 significa “Dá para viver confortavelmente com o rendimento atual”. Neste estudo, pontuações entre 0 e 4 correspondem a “Com dificuldade” e pontuações entre 6 e 10 correspondem a “Sem dificuldade”. O grau de interesse em poupar foi medido através da questão “Indique qual o seu grau de interesse em poupar?” e utilizando uma escala de 10 pontos em que 1 corresponde a “Nenhum interesse” e 10 significa “Muito interesse”. Neste estudo, uma pontuação de 5 ou 6 na escala corresponde a “Interesse moderado”, pontuações entre 1 e 4 correspondem a “Pouco e/ou nenhum interesse” e pontuações entre 7 e 10 correspondem a “Muito interesse”.

g O rendimento equivalente é obtido pela divisão do rendimento de cada agregado pela raiz quadrada da sua dimensão em termos de número de elementos do agregado familiar. A capacidade de poupança foi medida através da questão “Em 2017, quanto do seu rendimento familiar é que o seu agregado familiar colocava de lado como poupança? Considere uma percentagem do rendimento mensal familiar líquido.”.

h A confiança económica foi medida através de duas questões (i.e., “Considerando a situação de Portugal atualmente, por favor indique em que medida avalia as condições económicas atuais:” e “No global, em que medida considera que as condições económicas em Portugal vão melhorar ou piorar durante este ano:”) e utilizando uma escala de resposta de 7 pontos, em que 1 corresponde a “Muito fracas/ Vão piorar” e 7 corresponde a “Excelentes/ Vão melhorar”, respetivamente. O indicador do estado atual das condições económicas em Portugal (IEA) é calculado como a diferença entre a percentagem de participantes que classificam as condições económicas atuais em Portugal como boas a excelentes (entre 5 a 7 pontos) e a percentagem de participantes que classifica como fracas ou muito fracas (entre 1 a 3 pontos). O indicador de mudança do estado das condições (IME) é calculado como a diferença entre a percentagem de participantes que referem que as condições económicas em Portugal vão melhorar (entre 5 a 7 pontos) e a percentagem de participantes que acham que vão piorar (entre 1 a 3 pontos). O índice de confiança económica (ICE) é criado adicionando o resultado do IEA ao IME, dividindo o resultado dessa soma por dois ($ICE = (IEA + IME) / 2$). O ICE tem um valor teórico máximo de +100 e um valor teórico mínimo de -100.

Estudo do Observatório da Sociedade Portuguesa da CATÓLICA-LISBON, apoiado pelo CEA- Centro de Estudos Aplicados e pelo CUBE- Católica Lisbon Research Unit in Business and Economics da Católica Lisbon- School of Business and Economics.

Autoria: CATÓLICA-LISBON Behavioral Research Unit

Rita Coelho do Vale é Professora da Católica Lisbon- School of Business and Economics, coordenadora da CATÓLICA-LISBON Behavioral Research Unit, do PEO- Painel de Estudos Online e do LERNE- Laboratory of Experimental Research in Economics and Management.

Ana Paula Giordano é investigadora do CUBE- Católica Lisbon Research Unit in Business and Economics, e project manager na CATÓLICA-LISBON Behavioral Research Unit, no Observatório da Sociedade Portuguesa e PEO- Painel de Estudos Online.

Sofia Murтинheira é investigadora, lab e project manager na CATÓLICA-LISBON Behavioral Research Unit, LERNE- Laboratório de Investigação Experimental em Economia e Gestão e PEO- Painel de Estudos Online.

Contactos: Observatório da Sociedade Portuguesa- CATÓLICA-LISBON | tel: (+351) 21-721-4270 | fax: (351) 21-727-0252 | osp.cea@ucp.pt

Como referenciar: CATÓLICA-LISBON Behavioral Research Unit (2020). Estudo da Sociedade Portuguesa- Felicidade, bem-estar, rendimento e poupança, consumo sustentável e responsabilidade social das empresas (julho, 2020). Observatório da Sociedade Portuguesa.

How to cite: CATÓLICA-LISBON Behavioral Research Unit (2020). Estudo da Sociedade Portuguesa- Felicidade, bem-estar, rendimento e poupança, consumo sustentável e responsabilidade social das empresas (julho, 2020). Observatório da Sociedade Portuguesa.